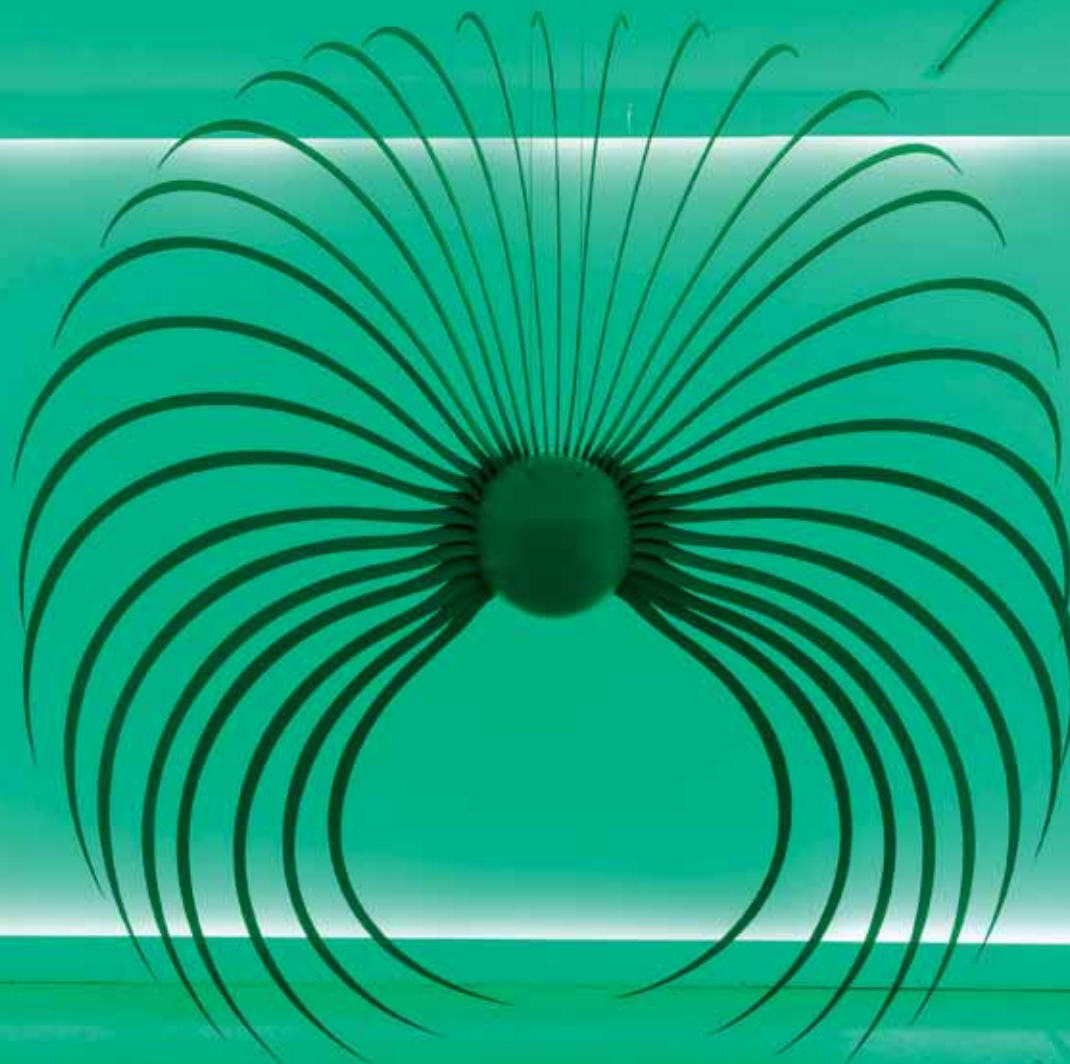




FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **152**
MARÇO 2014



O Peso do Paraíso Rui Chafes



4

Participar mais

No dia 11 de março são lançados os novos concursos anuais do Programa Cidadania Ativa, criado pela Fundação Gulbenkian para apoiar a sociedade civil através da gestão de fundos do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants). Fomos conhecer o projeto de uma associação que usa o apoio deste Programa para a promoção do Desporto Adaptado na península de Setúbal, Almada e Seixal.

16

Março, mês de começos

Quem passa pelo Jardim Gulbenkian já se habituou às discretas placas espalhadas pelo espaço, onde se dão a conhecer as aves que povoam o Jardim. Depois da campanha que se intitulava **Um mês, uma ave**, surge agora **Outro mês...outra ave** para continuar a mostrar as várias aves do Jardim. Em março, o recomeço da campanha é assinalado pela chegada da alvéola-cinzenta, num texto de João E. Rabaça, coordenador do projeto.



Yasser Booley, Cape Town | Série "There's a Place in Hell for Me and My Friends", 2011 © Pieter Hugo

18

Este é o lugar

As imagens de Pieter Hugo já passaram pela Fundação Gulbenkian na exposição Um Atlas de Acontecimentos, juntamente com outros artistas. A partir de **dia 28**, a exposição apresentada pelo Próximo Futuro reúne apenas fotografias de Pieter Hugo numa mostra intitulada **This Must Be the Place**. Esta é uma oportunidade para conhecer um dos mais destacados fotógrafos internacionais da atualidade.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 152.MARÇO.2014 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | DESIGN José Teófilo Duarte |
Eva Monteiro | João Silva [DDLX] REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | IMAGEM DA CAPA Rui Chafes, *Burning in the forbidden sea*,
2011 © Paulo Costa | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa,
tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



Aspetto da exposição © Paulo Costa

19

Esculturas flutuantes de Rui Chafes

Lições de Trevas, Sonho Lento, A história da minha alma, são alguns dos títulos das esculturas em ferro (mais de uma centena) que até **18 de maio** povoam o espaço do CAM e parte do Jardim Gulbenkian. Obras que dão acesso ao “mundo invisível”, numa exposição antológica de Rui Chafes para ver e rever.

24

Maratona Schönberg

A filha de Arnold Schönberg marcará presença neste fim de semana dedicado à música de câmara do compositor. O Quarteto Diotima interpretará a integral dos quartetos de cordas, mas haverá também documentários e conferências sobre o legado musical e intelectual do homem que marcou a música do século XX.

A **8 e 9** deste mês no renovado Grande Auditório.

32

Um novo Grande Auditório

Começar pelo fim pode ser uma forma de ler esta Newsletter. O fim que é o recomeço da vida do Grande Auditório. Mostramos, numa visita breve às novas instalações, as mudanças realizadas, mas também o registo de uma festa de reabertura que trouxe milhares de pessoas à Fundação Gulbenkian.



índice

primeiro plano

- 4 **Participar mais**
- 7 **Cidadania Ativa – concursos 2014**

notícias

- 8 **A reforma da Justiça no Sextas da Reforma**
- 8 **Fórum Portugal-Alemanha em Berlim**
- 9 **Crianças “sem barreiras” em São Tomé**
- 9 **Construir pontes para o diálogo entre civilizações**
- 10 **Retorno às origens**
- 10 **Investigação em doenças tropicais negligenciadas**
- 11 **Preservar os lémures de Madagáscar**
- 12 **Novo administrador executivo da FCG**

breves

bolsieiros gulbenkian

- 14 **Jan Wierzba**

um outro olhar

- 16 **João E. Rabaça**

em março

exposições

- 18 **Pieter Hugo**
- 19 **Esculturas flutuantes**
- 22 **Narrativa interior**
- 22 **Preso por fios**
- 23 **Tesouros do Kremlin no Museu Gulbenkian**

música

- 24 **Maratona Schönberg no Grande Auditório**

conferências

- 26 **Novos poderes**

cinema

- 27 **Harvard na Gulbenkian**

novas edições

- 29 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

Uma obra

- 30 **Würzburg Bolton Landing I**



Jogo de Goalball © Márcia Lessa

Participar mais

*No dia 11 de março são lançados os novos concursos anuais do **Programa Cidadania Ativa**, criado pela Fundação Gulbenkian para apoiar a sociedade civil através da gestão de fundos do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants). Em 2014, estão disponíveis 4,5 milhões de euros para financiar pequenos e grandes projetos de organizações não governamentais em diversas áreas de atuação. Em 2013, já foram apoiados 54 projetos envolvendo mais de uma centena de entidades, entre as quais a APCAS – Associação de Paralisia Cerebral Almada e Seixal. Fomos conhecer o trabalho desta associação que elege o desporto como principal estratégia de intervenção.*

“**C**ostumávamos dizer em tom de brincadeira que os nossos filhos tinham todos o curso de arbitragem. Como estavam numa cadeira de rodas, davam-lhes um apito enquanto todos os outros jogavam. Sempre foi assim. As crianças com paralisia cerebral não podiam ter participação ativa.” José Patrício põe a questão nestes termos, com informalidade, sentado à sua secretária. Encontramo-lo num final de dia atarefado, no intervalo de uma maratona de entrevistas por Skype. A APCAS – Associação de Paralisia

Cerebral Almada e Seixal, de que é presidente, conseguiu financiamento para dois novos projetos, de apoio a crianças com deficiência e às suas famílias, e precisa de recrutar urgentemente fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e da fala, assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros e até assistentes administrativos.

A sala onde conversamos comunica com outras salas, onde circulam vários colaboradores da associação. Estamos na nova sede da APCAS, recém-inaugurada, com vista para a

baía do Seixal. As instalações foram cedidas pela Câmara, mas foi necessária uma recuperação total para torná-la habitável. “Como não havia dinheiro para obras, as famílias que formam a Associação reuniram-se no verão para construir a nova casa da APCAS, enquanto os filhos ficavam lá fora nas suas cadeiras de rodas”, conta-nos José Patrício. É professor de Biologia, está nos órgãos de gestão da escola onde dá aulas e, não sabemos como, ainda arranja tempo para todos os projetos da APCAS. “Basicamente, não se dorme”, diz a rir, sempre com a descontração de quem corre por gosto.

É pai de trigêmeos, e uma das filhas tem paralisia cerebral. Rita frequenta o 11º ano numa escola pública e, graças ao empenho e entusiasmo de José e de outros pais, não tem “o curso de arbitragem”. “Sempre prezei muito os direitos da minha filha. Se lhe contasse a aventura que foi para ela ter a sua primeira cadeira de rodas elétrica, há 10 anos...” Para conseguir o equipamento falou com toda a gente, com o primeiro-ministro, até com o Presidente da República. Só não recorreu à comunicação social, porque, explica-nos, não gosta de expor a filha.

Até há poucos anos, nos concelhos de Almada, Seixal e Sesimbra, famílias como a de José só tinham apoio através do Hospital Garcia de Orta. “Na altura, ainda nem existia o Centro de Desenvolvimento da Criança [no Hospital Garcia de Orta]”, lembra Carlos Teixeira, que também tem um filho com paralisia cerebral e que, de há vários anos para cá, dedica todo o seu tempo às atividades da APCAS. “Foi a dr.ª Cristina Duarte, fisiatra do hospital, que seguia as nossas crianças e que nos lançou o desafio.” No início, eram seis famílias que não se conheciam. Hoje, cerca de 40 famílias gravitam à volta desta associação, que começou em 2005 com a formação de um núcleo da Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa. Depois de alguns anos, que “serviram para adquirir *know-how*”, autonomizaram-se. Em 2011, foi criada a APCAS – Associação de Paralisia Cerebral Almada e Seixal, com um raio de ação que abrange toda a península de Setúbal.

NEM TODOS PODEM JOGAR FUTEBOL

Elegeram o desporto adaptado como estratégia principal para intervir na área da deficiência. “Compreendíamos a dificuldade dos professores de Educação Física de dinamizarem atividades mais inclusivas. Não dá para todos jogarem futebol, por exemplo, ou basquetebol. Mas o *boccia* dá para todos.” A modalidade a que José Patrício se refere, elevada a desporto paraolímpico desde os anos 80, deriva da petanca e o seu objetivo é aproximar bolas de cor de uma bola alvo, lançada estrategicamente por um primeiro jogador. “Criámos uma Escola de *Boccia* e levámos a modalidade para as escolas, porque apesar de ser dirigida a um nicho da população [portadores de paralisia cerebral], toda



Carlos Teixeira e José Patrício (Presidente da APCAS) explicam como se joga *Boccia* © Márcia Lessa

a gente pode praticá-la, em igualdade de circunstâncias”, explica-nos Carlos, o operacional da APCAS no terreno. “A maior parte dos professores de Educação Física, mesmo os de Educação Especial, não tem formação específica na área do Desporto Adaptado. Não sabem o que fazer com crianças com deficiência, integradas nas escolas normais”, lamenta.

“A paralisia cerebral é talvez a deficiência mais incompreendida de todas”, afirma José Patrício, explicando que, pelo facto de os portadores desta deficiência ficarem muito comprometidos em termos motores, a paralisia cerebral é muitas vezes associada à deficiência mental. “E o que acontece é que normalmente, dentro daquele corpo, há um nível cognitivo normalíssimo e são pessoas com um potencial enorme, assim lhes sejam dadas condições para se desenvolverem.”

O projeto “Todos por um” veio assim oferecer aos professores uma formação creditada e gratuita em Desporto Adaptado. A adesão foi tal que a APCAS teve de abrir duas turmas extra. Das 30 inscrições inicialmente previstas, 90 professores acabariam por ser formados em *boccia*. A satisfação de Carlos Teixeira reflete-se na sua expressão e nas suas palavras: “Neste momento trabalhamos com sete mil alunos, com e sem deficiência, nas 33 escolas [2.º e 3.º ciclos e secundário] onde se pratica *boccia* numa base diária ou semanal: Almada, Seixal, Palmela, Alcochete, Montijo, Barreiro, Sesimbra...” O facto é que, graças ao trabalho da APCAS, há atualmente mais grupos de equipa de *boccia* a



Parte teórica da formação em Goalball, com Duarte Correia © Márcia Lessa

nível de desporto escolar na península de Setúbal do que no resto do país. Tornou-se sinónimo de inclusão, dentro e fora da escola: “Juntamos num torneio 250 miúdos a jogar *boccia* e mais de metade não tem qualquer tipo de deficiência”, reforça José Patrício com satisfação.

PEQUENOS E GRANDES PROJETOS

Tornou-se assim parte da vocação desta associação apoiar qualquer escola ou coletividade que queira praticar uma modalidade de desporto adaptado, disponibilizando material e dando apoio nos primeiros treinos aos alunos com mais dificuldade, tudo de forma gratuita – no fundo, é um Centro de Recursos de Desporto Adaptado. Para alargar os seus programas de formação, a mais pessoas e mais modalidades de desporto adaptado, a APCAS candidatou-se em 2013 ao Programa Cidadania Ativa com o projeto “Participar +”. É um “pequeno” projeto, que não chega aos 25 mil euros e que tem duração de 12 meses, indo ao encontro de um dos objetivos do Cidadania Ativa: reforçar a eficácia da ação das organizações não governamentais (ONG).

Em 2014, querem voltar a candidatar-se ao Programa, desta vez com uma ideia mais ambiciosa, um “grande” projeto

(até 138,5 mil euros): um Manual de Desporto Adaptado. “Não há nada do género publicado em Portugal, não há bibliografia”, dizem os responsáveis da APCAS, que até já sabem quem irão convidar para esta nova empreitada.

Para já, no que respeita aos projetos financiados através dos Concursos 2013, têm em mãos o “Comunicar +” (outro pequeno projeto) e o “Participar +”, que vai permitir a muitos professores ter formação em várias modalidades de desporto adaptado, entre as quais o *boccia* e o *goalball*, e que envolverá 27 Agrupamentos de Escolas e Escolas Secundárias.

Será esta última modalidade, “que desperta a acuidade auditiva e que tendemos a não valorizar”, segundo nos explicam, que nos leva pouco depois em direção à Escola Dr. António Augusto Louro, a poucos minutos da sede da APCAS, onde assistimos a uma sessão de formação em *goalball*. O jogo foi originalmente criado para invisuais, mas basta pôr uma venda nos olhos e qualquer um pode jogar em igualdade de circunstâncias.

Ao início da noite, quando chegamos ao pavilhão desportivo da escola onde costumam decorrer os treinos da APCAS, o grupo de formandos já está a tirar dúvidas sobre as regras do *goalball*. O formador faz circular exemplares do equipa-

mento: uma bola com um guizo no interior e óculos escuros para tapar completamente a visão. A parte teórica da formação ainda está longe de terminar, mas o frio que se sente na sala já pede que se comece a jogar.

Mara Ramos é uma das professoras de Educação Física presentes nesta sessão de formação. Nunca jogou *goalball*, as perguntas que coloca ao formador demonstram-no. Natural de Coimbra, está há dois anos deslocada no Agrupamento de Escolas Nun'Álvares (Arrentela), que tem duas unidades multideficiência. "Apesar de termos alguns alunos com multideficiência e necessidades educativas especiais, vejo que os outros alunos têm dificuldade em aceitar a diferença dos colegas." Espera poder vir a introduzir o *goalball* nas suas aulas e não poupa elogios ao trabalho das associações locais em conjunto com a Câmara. Quem também não quis perder esta oportunidade de se atualizar foi Clara Lourenço, licenciada em Educação Especial e Reabilitação. Lamenta haver "muito pouca oferta nesta área de formação". Clara trabalha em Lisboa, onde é professora de natação, de natação adaptada e hidroterapia. "Play!" O árbitro dá sinal para o jogo começar e o silêncio é importante. Nenhum dos formandos é invisual e por isso a adaptação aos óculos não é imediata. Os jogadores estão alerta, tentando identificar a trajetória da bola. Vão-lhe apanhando o jeito com as orientações de Duarte Correia, o técnico de Reabilitação e Psicomotricidade que hoje veio



Aquecimento antes do jogo de Goalball © Mária Lessa

dar esta formação e que treina a equipa de *goalball* da União de Cegos e Amblíopes do Seixal. A certa altura, já ninguém parece ter frio e a boa disposição pontua todas as jogadas, sobretudo as falhadas. Recordamos então as palavras de José Patrício, umas horas antes na APCAS: "Temos uma forma muito particular de ver a deficiência, com um espírito extremamente positivo." E isso nota-se. ■

Cidadania Ativa: concursos 2014 promovem empregabilidade

Dos 4,5 milhões de euros disponíveis para os concursos de 2014, mais de metade destina-se ao financiamento de projetos ligados à empregabilidade e ao emprego jovem, focados em jovens desempregados e em jovens em situação de vulnerabilidade ou de abandono escolar. É uma nova área de atuação que não estava contemplada nos concursos de 2013, e que agora se junta aos três domínios iniciais: a) participação das ONG na conceção e aplicação de políticas públicas, a nível nacional, regional e local; b) promoção dos valores democráticos, incluindo a defesa dos Direitos Humanos, dos direitos das minorias e da luta contra as discriminações; c) reforço da eficácia da ação das ONG.

No que respeita à nova aposta do Programa Cidadania Ativa na empregabilidade, e na criação de emprego jovem, refira-se, em particular, o apoio à aquisição de competências e conhecimentos transversais (*soft skills*), através da participação em atividades e projetos, incluindo programas de estágio nas ONG, e a formação e suporte técnico ao empreendedorismo jovem, designadamente empreendedorismo social.

O que também irá distinguir os novos projetos na área da empregabilidade e do emprego jovem é a exigência de que sejam projetos de ONG realizados em parceria, e esses parceiros – quer sejam do sector público ou privado – serão cofinanciados pelo Programa, o que não acontece nas outras três áreas em que só as ONG obtêm financiamento. "Vamos cofinanciar todos os parceiros porque entendemos que é uma área em que as ONG não conseguem atuar sozinhas, não é a área tradicional delas", avança Luís Madureira Pires, gestor deste Programa. Como se trata de uma área nova neste concurso, no regulamento estarão descritas várias tipologias de projetos que o Programa estará disponível para apoiar. "Tenho expectativa de que apareçam projetos interessantes e inovadores", afirma o responsável. ■

Programa Cidadania Ativa

11 março – Lançamento Concursos 2014

www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt

A reforma da Justiça no Sextas da Reforma

Nuno Garoupa, professor catedrático de Direito na Universidade do Illinois e membro do Conselho de Administração da Fundação Francisco Manuel dos Santos, é o convidado do **dia 21** no ciclo Sextas da Reforma. Investigador na área do Direito e Economia, Nuno Garoupa fará a sua intervenção sobre *Reforma da justiça e implicações para o orçamento e a economia*.

Nuno Garoupa tem defendido a reforma do governo da Justiça em artigos publicados em vários jornais portugueses. Em janeiro, escreveu no *Diário Económico* que, se essa reforma não for feita, “mude-se o que se muda, tudo ficará na mesma.



O segundo Fórum sobre as relações entre portugueses e alemães no contexto da União Económica e Monetária realiza-se a **10 e 11** deste mês, em Berlim. Na sequência daquele que se realizou em Lisboa, na Fundação Gulbenkian, em janeiro do ano passado, o segundo Fórum terá uma sessão de abertura com a presença dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países.

Nestes dois dias serão debatidos, entre outros, temas como: as reformas e a competitividade económica, os tribunais constitucionais de Portugal e da Alemanha, ou o futuro da



© Fundação Francisco Manuel dos Santos

Foi assim com os sete anos do PS; será assim com o atual Governo”. As comentadoras convidadas para a sessão são também professoras universitárias: Margarida Olazabal Cabral, da Universidade Católica, e Paula Costa e Silva, da Faculdade de Direito da Universidade Nova.

O ciclo Sextas da Reforma é organizado conjuntamente pelo Banco de Portugal, Conselho das Finanças Públicas e Fundação Calouste Gulbenkian. As conferências têm lugar sempre às 16h, no Auditório 3 da Fundação, com entrada sujeita a inscrição prévia no sítio do Banco de Portugal. ■

www.bportugal.pt

Fórum Portugal-Alemanha em Berlim

Europa e um novo contrato social. Além do presidente da Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva, e do diretor do Instituto Português de Relações Internacionais, Nuno Severiano Teixeira, participarão no Fórum vários eurodeputados, académicos, diplomatas, constitucionalistas e personalidades ligadas à integração europeia de ambos os países. Tal como em Lisboa, o Fórum é organizado pelo Institut für Europäische Politik de Berlim, pela Embaixada da Alemanha, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Instituto Português de Relações Internacionais. ■

Crianças “sem barreiras” em São Tomé

A criação de uma estrutura educativa adequada às necessidades das crianças surdas são-tomenses é um dos objetivos do projeto “Sem barreiras”, destinado a intervir na prevenção e combate à surdez e ao isolamento do deficiente auditivo. O projeto prevê a integração de vários rastreios – o auditivo neonatal universal no Plano Nacional de Saúde, o áudio fonológico e o cognitivo das crianças sinalizadas com surdez – e ainda a criação da língua gestual são-tomense. O Ministério da Educação, Cultura e Formação será responsável pela integração da língua gestual são-tomense no currículo do ensino especial.

“Sem barreiras” é um projeto-piloto que decorre até final de 2014, promovido pela Universidade Católica Portuguesa, pelo Serviço do Otorrinolaringologia do Hospital CUF Infante Santo e pelo Instituto Marquês de Valle Flor e que conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian (Programa Parcerias para o Desenvolvimento) e dos ministérios da Educação, Cultura e Formação e dos Assuntos Sociais de São Tomé e Príncipe. ■



Construir pontes para o diálogo entre civilizações

No dia 8 de fevereiro, o Dialogue Café da Fundação Gulbenkian foi palco de um evento que juntou três capitais em direto – Lisboa, Paris, Beirute – pela causa da harmonia entre várias crenças religiosas e civilizações. Este encontro assinalou a celebração que acontece anualmente na primeira semana de fevereiro da World Interfaith Harmony Week, criada por resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas em 2010.

A World Interfaith Harmony Week defende que o entendimento mútuo e o diálogo inter-religioso são dimensões importantes para uma paz duradora e sustentável. Do lado português estiveram presentes Jorge Sampaio (antigo Presidente da República e representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações), Alexandre Palma (em representação do Patriarca de Lisboa), Abdool Vakil (presidente da comunidade islâmica) e José Carp (presidente da comunidade judaica). Os interlocutores em Beirute e em Paris foram, respetivamente, Fadi Daou (diretor da ADYAN,

Fundação para os estudos inter-religiosos e solidariedade espiritual) e Salam Kawakibi (diretor-adjunto e investigador da Arab Reform Initiative).

Durante cerca de hora e meia, os vários intervenientes discutiram em direto, através do sistema de videoconferência do Dialogue Café, questões como o papel do diálogo inter-cultural e inter-religioso para construir sociedades mais inclusivas e pluralistas no Médio Oriente. A situação na Síria foi uma das mais referidas.

Neste momento, com o apoio da Cisco e da Fundação Calouste Gulbenkian, a Associação Dialogue Café tem já 12 espaços conectados através desta rede que pretende colocar em diálogo indivíduos e organizações que contribuam para melhorar o relacionamento entre culturas, religiões e etnias diferentes. Amesterdão, Cleveland, Lisboa, Londres, Melbourne, Northampton, Paris, Wroclaw, Rio de Janeiro, Florença, Ramallah e Beirute são as cidades que constituem a rede Dialogue Café. ■



Regresso às origens

Oito investigadores de Angola, Moçambique e Cabo Verde, a frequentarem programas de doutoramento em universidades estrangeiras, vão poder fazer trabalho de campo nos seus países com bolsas concedidas pela Fundação Gulbenkian.

A iniciativa do Serviço de Bolsas e do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento destina-se a estimular a investigação aplicada em áreas consideradas prioritárias

pelos países de origem dos bolseiros, como as Ciências da Saúde, Economia e Engenharia do Ambiente, Geologia e Minas. A ida dos investigadores para o terreno é não só uma forma de aplicação dos seus conhecimentos às realidades locais, como também um estímulo para que regressem aos seus países de origem, reforçando a qualificação de quadros docentes. ■

Investigação em doenças tropicais negligenciadas

Diana Rocha e Tacilta Nhampossa são as primeiras bolseiras da Fundação Calouste Gulbenkian a terminar o doutoramento na área das doenças tropicais negligenciadas. Diana Rocha, natural de Cabo Verde, desenvolveu o seu trabalho sobre plantas medicinais com propriedades biocidas, para o controlo de insetos vetores de agentes patogénicos, no Instituto de Higiene e Medicina Tropical, em Lisboa. Já Tacilta Nhampossa, investigadora moçambicana no Centro de Investigação em Saúde de Manhica, desenvolveu a sua investigação na área da diarreia e desnutrição das crianças menores de cinco anos, na Universidade de Barcelona.

O programa de bolsas de doutoramento para licenciados dos países africanos de língua portuguesa na área das doenças tropicais negligenciadas foi lançado em 2009 e teve duas edições. Este programa foi criado pela Fundação Gulbenkian no âmbito da Iniciativa das Fundações Europeias para as



Doenças Tropicais Negligenciadas, que conta também com a participação das fundações Volkswagen, Cariplo, Nuffield e Mérieux. ■



Preservar os lêmures de Madagáscar

Uma equipa de investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), liderada por Lounès Chikhi, conseguiu fazer uma primeira estimativa da presença de uma espécie de lêmures considerada em risco de extinção – o sifaka de Coquerel – no seu último refúgio, o Parque Nacional Ankarafantsika (ANP), em Madagáscar. Este trabalho foi recentemente publicado na revista *American Journal of Primatology* e os dados resultantes da investigação são uma preciosa ajuda para o planeamento de estratégias de conservação.

O sifaka de Coquerel sobrevive em pequenas áreas de florestas altamente fragmentadas e no ANP, a maior área florestal do Noroeste de Madagáscar com cerca de 1000 quilómetros quadrados. O trabalho de campo desenvolvido no ANP, por Célia Kun-Rodrigues e Jordi Salmons, permitiu determinar que a densidade populacional desta espécie é bastante diferente entre os locais analisados, variando entre cinco e 100 indivíduos por quilómetro quadrado. Os locais mais próximos de rios apresentam maior densidade, enquanto nas zonas mais próximas de estradas ou dos limites da floresta existe um menor

número de sifakas. Além disto, os investigadores observaram um enorme declínio das populações nos últimos 20 a 30 anos, chegando a alcançar um decréscimo de 90 por cento, em pelo menos uma área do parque. Uma estimativa preliminar do tamanho total da população no ANP, feita pelos investigadores, indica que existem aproximadamente 47 000 indivíduos.

A perda de habitat e a caça furtiva são provavelmente os principais fatores responsáveis pelo declínio desta espécie. Lounès Chikhi diz estarem “convictos de que são necessárias ações de conservação ao nível da comunidade, mas também a uma escala geográfica mais alargada, para reduzir o consumo de carvão nas localidades adjacentes e a desflorestação”.

Célia Kun-Rodrigues foi bolsreira Optimus Alive durante o ano que trabalhou sob supervisão de Lounès Chikhi para desenvolver este projeto. As bolsas Optimus Alive resultam de uma parceria estabelecida entre a Everything is New, promotora do festival de música Optimus Alive, e o IGC. Jordi Salmons é aluno do programa de doutoramento do IGC. ■



Novo Administrador Executivo na Fundação Calouste Gulbenkian

José Neves Adelino, Eduardo Marçal Grilo, Teresa Gouveia, Isabel Mota, Emilio Rui Vilar, José Gomes Canotilho e Artur Santos Silva © Mária Lessa

José Neves Adelino foi eleito pelo Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian como novo membro executivo, no passado dia 14 de fevereiro, transitando assim da direção do Serviço de Finanças e Investimentos da Fundação, função que ocupava desde 2012. Licenciado em Finanças pela Universidade Técnica de Lisboa e Doutoramento pela Kent State University, USA, José Neves Adelino (n.1954) foi professor catedrático de Finanças da Nova School of Business and Economics da Universidade Nova de Lisboa, de que foi igualmente diretor. Para além dos 36 anos em que esteve ligado ao ensino e à investigação, tem uma vasta experiência em finanças, governo de empresas e na administração de instituições gestoras de ativos financeiros.

Artur Santos Silva, presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, reconheceu no novo administrador “qualidades de exceção como académico e docente” e elogiou as suas “capacidades de gestão, de inovação e criatividade, fundamentais na vida das organizações de hoje”.

José Neves Adelino mantém-se ainda como membro do Conselho de Gestão do Instituto Gulbenkian de Ciência e do Conselho de Administração da Partex Oil and Gas (Holdings) Corporation, onde, segundo Artur Santos Silva, “tem tido um papel valioso na definição da estratégia e no acompanhamento da carteira de investimentos nas áreas do petróleo e no gás, interesses que contribuem de forma muito relevante para a Fundação cumprir a sua missão”. O novo administrador junta-se assim aos administradores



José Neves Adelino © Mária Lessa

executivos Isabel Mota, Eduardo Marçal Grilo, Teresa Gouveia e Martin Essayan, e aos não executivos Emilio Rui Vilar, José Joaquim Gomes Canotilho e António Guterres, que integram o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. ■

Arte portuguesa no Reino Unido

Unlocking Europe's best kept secret: highlights from the Portuguese Visual Arts programme é o título de um documento publicado online pelo Uk Branch, a delegação em Londres da Fundação Gulbenkian. Criado em 2009, o Programa de Artes Visuais do UK Branch contribuiu para mudar o cenário de desconhecimento geral da arte portuguesa por parte das comunidades britânicas, através de apoios para exposições em galerias no Reino Unido, programas de residências para artistas portugueses, visitas de curadores britânicos a Portugal e a criação de uma coleção de pesquisa de arte portuguesa na Tate. O documento recapitula o trajeto desta iniciativa e demonstra o sucesso e o interesse suscitado pela presença de artistas como Daniel Blaufuks, Miguel Palma ou Fernanda Fragateiro em território britânico. ■ www.gulbenkian.org.uk

Pela diversidade e pela inclusão

Este mês, e durante três dias, cerca de 80 jornalistas de toda a Europa reúnem-se no MEDIANE – Media in Europe for Diversity Inclusiveness, para partilhar as suas experiências e promover a diversidade e inclusão nos *media*. Neste encontro à porta fechada, a que a Fundação Gulbenkian se associou, o objetivo principal é a luta contra o racismo, mas também a promoção do entendimento mútuo através do fomento do intercâmbio de profissionais de jornalismo aos níveis regional e europeu.

A iniciativa – uma parceria entre o Conselho da Europa e a União Europeia – pretende envolver, até ao final deste ano, cerca de 320 jornalistas em inúmeros eventos de intercâmbio em todos os Estados-membros da UE, destacando-se 10 encontros que visam produzir e disseminar conhecimento a todos os interessados. O MEDIANE quer contribuir para a inclusão nos *media* das temáticas da diversidade e da não-discriminação no seu trabalho diário, procurando formas de produção verdadeiramente diversas, inclusivas e interculturais. ■

Famelab – um concurso para ciência

A 5 de abril, o Auditório 3 da Fundação recebe a meia-final do concurso FameLab, dedicado à comunicação de ciência. Depois de enviarem um vídeo em que apresentam o seu trabalho em ciência e tecnologia, o júri seleciona os candidatos para a meia-final em que vão ter de explicar os seus projetos por palavras e gestos, em apenas três minutos. Os melhores 10 passam à final que se realiza no Pavilhão do Conhecimento Ciência Viva no mês de maio. O vencedor participará em junho na grande final internacional.

O FameLab é o mais popular concurso internacional de comunicação científica dirigido ao grande público. Criado em 2005 pelo Cheltenham Science Festival, ganhou expressão mundial com o apoio do British Council, que o expandiu a mais de 25 países concorrentes, da Europa a Hong Kong. Em Portugal, o FameLab é organizado desde 2010 pela Ciência Viva e pelo British Council, aos quais se junta este ano a Fundação Calouste Gulbenkian como entidade parceira. ■

Novidades nas bilheteiras do CAM e Museu Gulbenkian

A partir deste mês, os visitantes do Museu Gulbenkian, Centro de Arte Moderna e exposições temporárias passam a dispor de uma nova modalidade de bilhete: o livre-trânsito. Além do bilhete único já existente para cada espaço, o livre-trânsito permite a entrada em qualquer exposição, o número de vezes que o visitante quiser, num mesmo dia. A ideia é proporcionar a visita completa de todas as exposições, num dia integralmente passado na Fundação Gulbenkian. O livre-trânsito tem um custo de 15 euros.

Outra novidade das bilheteiras para os espaços expositivos da Fundação é que os jovens até aos 18 anos têm entrada gratuita quando acompanhados de um familiar. Pretende-se desta forma incentivar as visitas das famílias às exposições.

A partir deste mês, os bilhetes dos museus passam também a estar disponíveis na bilheteira eletrónica da Fundação. ■ www.bilheteira.gulbenkian.pt.



Jan Wierzba | 28 anos | Música / Direção de Orquestra*

A orquestra fez parte do meu mundo infantil e juvenil

DEDICOU-SE DURANTE MUITOS ANOS AO PIANO. COMO SURTIU O INTERESSE PELA DIREÇÃO DE ORQUESTRA?

Penso que a curiosidade esteve presente desde cedo, tendo em conta o meu contexto familiar. A minha mãe era concertino auxiliar da Orquestra Nacional do Porto (agora Orquestra Sinfónica do Porto – Casa da Música) e o meu pai era clarinetista e professor do Conservatório de Música do Porto. A orquestra fez parte do meu mundo infantil e juvenil, enquanto instrumento e em termos humanos, pois convivia frequentemente com os colegas da minha mãe. As conversas passavam pelo dia a dia da orquestra e invariavelmente pelos maestros e suas “peripécias”.

A partir daí o interesse foi-se desenvolvendo com várias pessoas e situações. Quando tinha 22 anos, a minha mãe apresentou-me a Marc Tardue, na altura maestro titular da Orquestra Nacional do Porto. Foi ele quem me deu as

primeiras aulas e, ao convidar-me para ser seu assistente numa produção da *Carmen*, fez-me dirigir um ensaio cénico, “lançando-me aos lobos”. Pouco depois conheci o maestro Jean-Sebastien Béreau que, com os seus vários ensinamentos, simpatia e enorme carisma, me deu confiança para prosseguir este caminho, para além de me proporcionar a primeira (e inesquecível) experiência de dirigir em concerto. Outra pessoa marcante foi João Carlos Pacheco, grande percussionista e amigo próximo, que sempre me apoiou, sugerindo que fizesse a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO). E finalmente devo mencionar o maestro Jean-Marc Burfin, o meu estimado professor na ANSO, em relação ao qual tenho uma dívida de gratidão. Ensinou-me durante os últimos três anos grande parte daquilo que hoje sei e que, com a sua paciente perseverança e dedicação, me fez gostar genuinamente daquilo que faço.



Royal Northern College of Music, Manchester.

EM ABRIL VAI PARTICIPAR NA MASTERCLASS DE BERNARD HAITINK, DEPOIS DE UM PROCESSO DE SELEÇÃO EM QUE SE CANDIDATARAM QUASE 300 MÚSICOS. COMO VÊ ESTE SEU NOVO DESAFIO?

Convém esclarecer que a participação não está garantida, mas que fui um dos 23 candidatos (de entre 280 de todo o mundo) convidados a prestar provas ao vivo em Lucerna. Só a oportunidade de conhecer Bernard Haitink em pessoa já me enche de felicidade, já que ele é uma das poucas “lendas vivas” da direção de orquestra. Por muito que deseje figurar entre os sete principais participantes, para mim já é um sucesso considerável o meu DVD ter sido um dos escolhidos. É também um grande orgulho ter, nestes 23 eleitos, a companhia de outro português, Nuno Coelho, violinista que se encontra a estudar em Bruxelas e que tem um grande interesse pela direção. Trata-se de um jovem extremamente talentoso de entre vários que se têm notabilizado nas diversas áreas da música, dentro e fora do país.

OS PRÉMIOS SÃO IMPORTANTES PARA A SUA CARREIRA?

Os prémios são uma mais-valia para qualquer carreira, parece-me. Mas por muito que tente obtê-los, estão longe de ser uma prioridade.

CONTE-NOS UM POUCO O SEU DIA A DIA EM MANCHESTER.

A coisa que mais me agrada é não existir uma rotina. A semana pode ser repleta de ensaios com os mais variados

agrupamentos, orquestras, ensaios cénicos de ópera, *masterclasses* com professores convidados, ou simples aulas de Direção com dois pianos (que começam invariavelmente num café com uma conversa de uma hora entre os professores e a classe). Também pode acontecer termos uma ou duas semanas mais desocupadas. Nessas alturas, assisto a diferentes *masterclasses* (música de câmara, canto, violoncelo), frequento ensaios da BBC Philharmonic, da The Hallé ou da Liverpool Philharmonic, ou aproveito para contactar com outros professores do Royal Northern College of Music. Costumo também passar tempo na ótima biblioteca que temos à disposição, investigando algumas áreas de interesse.

PROJETOS PARA O FUTURO?

Nunca se sabe. As circunstâncias mudam muito rapidamente, é difícil planear. Pretendo trabalhar no desenvolvimento do projeto de que sou um dos fundadores e diretor musical, o EnsembleMPMP (dedicado à promoção de música portuguesa), tanto no plano concetual do próprio projeto como na sua viabilização financeira.guardo constantemente por respostas a candidaturas a festivais, *masterclasses* e concursos. De resto, penso que o único grande objetivo é continuar a trabalhar para me sentir cada vez mais confortável no papel que estou a assumir enquanto músico, de modo a tornar a experiência musical gratificante, tanto para mim como para o público. ■

* Bolsa de estudo de aperfeiçoamento artístico em Direção de Orquestra, no Royal Northern College of Music, em Manchester.



Alvéola-cinzenta, uma das aves que pode observar nos Jardins Gulbenkian © Diogo Oliveira

Março, mês de começos

João E. Rabaça
Universidade de Évora

Este mês começa a campanha **Outro mês... outra Ave** para difundir o interessante património ornitológico dos Jardins Gulbenkian. Esta iniciativa pretende replicar o sucesso da campanha anterior – *Um mês... uma Ave* – que, entre março de 2013 e fevereiro de 2014, divulgou parte do rol de espécies que ocorrem livremente nos Jardins. A escolha mensal continuará a ter por base a relação das espécies com o ciclo anual, de modo que a ave distinguida em cada mês realce um acontecimento sazonal, um traço biológico relevante naquele período ou simplesmente o deleite da sua observação.

Março é um mês de começos no hemisfério norte. Na Roma Antiga, assinalava o início do ano em concordância com o ritmo sazonal: o primórdio de um novo ciclo que sinaliza o fim das longas noites de inverno. Pareceu-me natural propor à Fundação Gulbenkian que o arranque desta campanha (bem como da anterior) se concretizasse justamente em março, mês em que nas nossas latitudes se inicia um período relevante no ciclo anual da avifauna: a época de reprodução. É neste período que a maioria das aves do hemisfério norte desenvolve o seu recrutamento populacional, *i.e.*, um conjunto de processos que irá enriquecer as suas populações com novos indivíduos. Porque tudo isto decorre apenas em algumas semanas, as aves têm de perceber sinais do ambiente que as rodeia capazes de lhes transmitir mensagens como... “É chegada a hora!” Uma vez que as aves não conhecem o calendário gregoriano, é pelo aumento do fotoperíodo (mais expressivo a partir de março) que surge o balanço hormonal responsável pelos comportamentos associados à reprodução. Eis porque nas nossas latitudes, **março é também para as aves um mês de começo...**

Mas a dinâmica do ciclo anual é admirável. Quando termina o período consagrado à reprodução, muitas aves procuram recuperar do desgaste energético a que estiveram sujeitas. E uma vez recuperadas preparam-se para um dos eventos mais espantosos do planeta e muito expressivo na região Paleártica: as migrações. Entre finais de agosto e meados de outubro, milhões de aves cruzam rotas migratórias que as irão conduzir dos locais de reprodução na Europa até lugares, por vezes remotos, no continente africano. E no ano seguinte, numa espécie de movimento pendular, regressarão aos seus locais de origem para uma nova época de reprodução.

Sabia que esta dinâmica global pode ser detetada nos Jardins Gulbenkian? Dar-lhe a conhecer os protagonistas desta aventura é um dos objetivos da campanha *Outro mês... outra Ave*. Desfrute deste privilégio, visite os Jardins e não se esqueça de solicitar o postal de cada mês. ■



em março



© Pieter Hugo, Courtesy Stevenson Gallery, Cape Town-Johannesburg / Yossi Milo Gallery, New York



Pieter Hugo

Este é o lugar

Foi com a série *The Hyena & Other Men* que o trabalho do sul-africano Pieter Hugo (Joanesburgo, 1976) se tornou conhecido internacionalmente. As imagens surpreendentes e poderosas de um grupo de artistas itinerantes na Nigéria que posam junto dos seus animais – hienas, macacos, cobras – correram mundo. Em Lisboa, integraram a exposição coletiva *Um Atlas de Acontecimentos*, que a Fundação Gulbenkian apresentou em 2007. O curador, António Pinto Ribeiro, tinha-se cruzado pela primeira vez com o trabalho de Pieter Hugo um ano antes, na Bienal de São Paulo. “Foi uma coisa inesperada”, diz o atual programador-geral do Próximo Futuro, que em São Paulo ficou igualmente impressionado com uma outra série de fotografias que retratava juizes africanos (*Judges – Botswana*, em cima). “Fez-me pensar: ‘Isto é a nova África do Sul.’”

Pieter Hugo tem um olhar fascinante sobre o mundo contemporâneo, e sobre o mundo africano em particular. “Tem uma capacidade rara de olhar à volta e perceber os sintomas de mudança”, diz António Pinto Ribeiro sobre este fotógrafo branco, que hoje vive na Cidade do Cabo e que se tornou adulto enquanto acompanhava o processo de alteração mais radical que a África do Sul sofreu – o fim do *apartheid*. “Foi uma experiência muito forte e ainda hoje isso marca as conversas. Não há um dia que passe em que nos meios artísticos ou académicos a questão da raça não seja discutida”, afirma o curador.

Herdeiro das grandes tradições do Sul de África – a paisagem e o retrato –, Pieter Hugo tem no entanto uma forma especial de se desviar do cânone. Grande parte das paisagens que retrata é catastrófica: veja-se *Permanent Error*, a série sobre o vasto descampado no Gana onde as empresas tecnológicas europeias despejam o seu lixo. Pieter Hugo viaja pelos sítios mais improváveis e nas condições mais rudimentares, e não tem uma visão idílica nem do mundo nem da paisagem africana em particular. É hoje o exemplo do artista contemporâneo nómada, que viaja pelo Gana e pela Nigéria, países que proibiam a entrada de sul-africanos até 1994 em protesto contra a segregação racial.

Com uma produção abundante, em 2012 Pieter Hugo vê o Museu de Fotografia de Haia dedicar-lhe uma exposição antológica, *This Must Be the Place*. Não sabemos exatamente que lugar é esse, mas poderemos descobri-lo em mais de uma centena de fotografias na Sede da Fundação Gulbenkian, já a partir de dia 28. ■

This Must Be the Place | Este é o Lugar

Curadoria: Wim van Sinderen

28 março – 1 junho

EDIFÍCIO SEDE – SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS -1



Was Soll ich tu wenn du nicht da bist? 2004, ferro © Alcino Gonçalves

Esculturas Flutuantes

Antológica de Rui Chafes no CAM

À entrada da Sala de Exposições do CAM somos recebidos por uma série de blocos de ferro de alturas distintas, mas de aspeto mais ou menos idêntico. É preciso circular pelo espaço, contornar as peças e olhá-las do ângulo oposto para perceber que cada um desses 24 blocos tem uma singularidade própria. A instalação intitula-se *Lições de Trevas*, é mostrada integralmente pela primeira vez e, nas palavras de Rui Chafes, o seu autor, representa a forma como normalmente as pessoas se mostram, de costas voltadas, ocultando-se. Só depois de alguma exploração e de algum tempo é que se dão a ver, revelando algo de si.

Lições de Trevas, tal como cada uma das peças incluídas nesta primeira antológica de Rui Chafes – *O Peso do Paraíso* – que o CAM apresenta até ao dia 18 de maio, é fruto de um trabalho vivido como ofício, no sentido medieval do termo, ancorado numa sabedoria e sujeito a uma disciplina rigorosa, que permite ir ao fundo das questões.

Numa entrevista concedida à revista *Atual do Expresso* a propósito desta antológica, Rui Chafes sublinha esta ideia:

“Só acredito no trabalho que tenha uma persistência e uma ética na sua própria natureza. Todas as esculturas que tenho feito existem porque há uma oficina. Visto o fato de macaco para trabalhar.” Trata-se de um caminho de aprendizagem que exige também uma aprendizagem do espetador. As obras mais importantes, esclarece, são aquelas que oferecem resistência não só ao público, como a si próprio. Aquelas que, passados anos, continua, por vezes, sem compreender.

É que, para Rui Chafes, a arte não é uma forma de comunicação, mas a capacidade de captar forças que pairam no ar. “Costumo dizer que só faço as esculturas, o resto é obedecer, obedecer a vozes superiores que me dizem o que fazer. Sou um mero artesão dessas vozes superiores, que me dizem para fazer formas que não entendo.”

Essas formas que cria e que por vezes resistem à compreensão são completadas pelo olhar do espetador. Ao contrário de muitos outros artistas, Rui Chafes assume que uma obra de arte é feita sobretudo para o espetador, só existe quando



A *História da minha alma*, 2004, ferro © Paulo Costa

é vista pelos outros, porque não estamos sós, “vivemos porque os outros existem” e “existimos porque existem outras vozes, existem olhos que nos olham”. E para se tornarem visíveis, as obras devem ser expostas em espaços que lhes deem vida, como na natureza, ou em espaços sagrados, como em igrejas. Considera que os museus são hospitais “onde chegam as peças órfãs, que perderam o seu sítio e o seu território”. Vê as galerias, os museus e todos os espaços neutros como “asilos onde chegam as peças muito doentes, que não têm onde cair e que já perderam o seu terreno”. Só ganham vida própria quando estão no exterior, na natureza, ou no sítio para onde foram criadas.

Daí que a montagem desta antológica no CAM, “um enorme hospital”, tenha sido, para o artista, de certo modo, “um exercício de estranheza”. Por essa razão algumas peças desta antológica foram colocadas no jardim e outras, apesar de situadas no interior, entram em contacto com o exterior, quer através de um diálogo imaginado (à falta de magia), como em *Sonho Lento*, quer através de um movimento imparável para fora. Exemplo disso é a instalação *A história da minha alma*, composta por 17 esculturas em ferro, que sugerem bancos rasgados (almas feridas) que se dirigem em fila indiana para o jardim atravessando o vidro da galeria.

Isabel Carlos, comissária da exposição, fala, a propósito da obra de Rui Chafes, de “universo físico poderoso”, povoado por esculturas “densas e pesadas”, mas quase sempre “com uma aparência frágil e leve”. Reforçando esta ideia, o artista assume-se precisamente como um escultor da leveza e não



Aspetto da exposição © Paulo Costa



Lições de Trevas, 2006, ferro © Alcino Gonçalves

do peso, pela dificuldade em pisar o chão e em encontrar um território. Mesmo que pesem três toneladas, tenta que as suas peças voem. “Trabalho com sombras, com fogo, com palavras, com ferro, mas produzo acontecimentos no espaço. São acontecimentos feitos com ferro, é a única coisa que sei fazer, mas tendem a flutuar.”

Essas esculturas não são belas pela sua forma, mas por serem uma porta de acesso ao mundo invisível. Dizem segredos apenas a algumas pessoas, àquelas “que têm ouvidos e olhos e que conseguem ouvir esse sussurro”. Por isso, conclui, a arte não é para toda a gente.

Figura de relevo do movimento de retorno à escultura que se verificou em finais do século XX, a obra de Rui Chafes é, em termos formais, de acordo com Isabel Carlos, “herdeira do minimalismo”, apesar de ser trabalhada de um modo único e singular.

Nesta antológica são apresentadas mais de uma centena de esculturas em ferro, produzidas entre 1989 e 2014.

O Peso do Paraíso inclui ainda duas obras do artista realizadas em colaboração com outros criadores, o cineasta Pedro Costa e a artista irlandesa Orla Barry. ■



Cristall, II, 1996, ferro © Paulo Costa

O Peso do Paraíso – Rui Chafes

Curadoria: Isabel Carlos

13 fev - 18 de maio

CAM

Narrativa Interior

A exposição antológica que João Tabarra apresenta no CAM reúne trabalhos realizados ao longo dos últimos 20 anos em que o artista desenvolve uma investigação sobre o uso, o poder e as possibilidades históricas da imagem. Com curadoria de Sara Antónia Matos, a exposição não obedece a uma ordem cronológica, mas a uma disposição cinematográfica, constituindo uma reflexão crítica sobre o papel social do indivíduo no mundo atual.

O conjunto de obras convive com *Paisagem Interior, ensaio cartográfico para uma narrativa*, realizada em 2013 especificamente para esta exposição. Composta por 108 imagens que formam sobre a parede da galeria um mosaico com cerca de seis metros de extensão e três de altura, consiste no registo minucioso de um bonsai. Com uma linguagem poética, a obra fala sobre o tempo lento e doloroso do crescimento: do bonsai, do artista e da produção da arte. ■

Narrativa Interior – João Tabarra

Até 18 de maio

Curadoria: Sara Antónia Matos

CAM



João Tabarra, *Paisagem Interior, ensaio cartográfico para uma narrativa*



Nadia Kaabi-Linke, *Tunisian Americans*, 2012

Preso por fios

Assumindo-se como uma arqueóloga do tempo presente, Nadia Kaabi-Linke, filha de pai tunisino e de mãe ucraniana, e a residir em Berlim, parte da sua condição de artista entre dois mundos para criar uma obra inquietante e questionadora. Nesta sua primeira exposição em Portugal, são apresentadas obras recentes, mas também uma criação inédita.

Nadia pertence a uma geração de criadores oriunda de lugares onde a criação contemporânea é difícil ou mesmo impossível e que optou por viver e criar noutros países, sem, no entanto, esquecer a sua origem. Partindo de contextos históricos específicos, a artista coleciona pedaços de realidade, rastros de acontecimentos, que intervenciona e desloca do contexto, de modo a despertar outros significados. ■

Preso por Fios – Nadia Kaabi-Linke

Até 25 maio

Curadoria: Isabel Carlos

CAM



Cantil. Turquia, primeira metade do séc. XVII



Ícone de Nossa Senhora do Leite. Moscovo, séc. XVI.



Caneca. Presente do patriarca de Constantinopla, Cirilo I Lucaris, ao czar Mikhail Fiodorovitch, em 1632. Istambul, primeiro terço do século XVII

Tesouros do Kremlin no Museu Gulbenkian

Uma amostra da sumptuosa coleção do Kremlin de Moscovo pode ser vista na Sala de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian, no âmbito da exposição *Os Czares e o Oriente*. É a primeira vez que o acervo oriental desta coleção é mostrado na Europa fora do Kremlin, sendo constituído fundamentalmente pelas luxuosas ofertas aos czares provenientes do Irão safávida e da Turquia otomana dos séculos XVI e XVII.

Este acervo, único entre as coleções museológicas do mundo, inclui tecidos, armas, arreios de cavalo e joias, ou seja, objetos que durante muito tempo foram essenciais na vida quotidiana da corte russa, usados como adornos nos atos oficiais dos czares, nas campanhas militares e nas cerimónias religiosas nas igrejas do Kremlin.

Anteriormente apresentada na Arthur M. Sackler Gallery da Smithsonian Institution, em Washington, a mostra desenvolve-se em torno de quatro núcleos temáticos: A Horda de Ouro, O Irão no período safávida, A Turquia otomana e A Rússia dos czares. ■

Os Czares e o Oriente

Ofertas da Turquia e do Irão ao Kremlin de Moscovo

Até 18 maio

Curadoria: Inna Vishnevskaya, Olga Melnikova, Elena Yablonskaya

MUSEU GULBENKIAN – SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS -1



Quarteto Diotima

Maratona Schönberg no Grande Auditório

A música de câmara vai dominar o fim de semana de 8 e 9 de março com a apresentação, no Grande Auditório, da integral dos quartetos de cordas de Arnold Schönberg. Para além dos recitais programados, Nuria Schönberg Nono, a filha do compositor, falará sobre a figura do pai e do homem que introduziu importantes inovações na música na primeira metade do século XX. Serão também exibidos documentários sobre o legado musical e intelectual do compositor.

A música de câmara foi um campo privilegiado da expressão musical de Arnold Schönberg, compositor nascido em Viena em 1874, praticamente autodidata, não fora alguns ensinamentos de composição recebidos de Zemlinsky. Os seus quartetos, sobretudo os dois primeiros, provocaram na altura um autêntico escândalo, pelas suas ousadas atonais.

UMA NOVA FORMA DE OUVIR E DE PENSAR

Questionado sobre a importância de Schönberg na história da música, o compositor Vasco Mendonça é categórico na sua análise: “Sempre que ouço esse maravilhoso e estranho gigante pós-wagneriano que são as *Gurrelieder*, fico estarecido com a forma resoluta como Schönberg avançou para

o precipício do século XX. Das *Gurrelieder* às Cinco Peças Orquestrais, às Variações para Orquestra (ou do Quarteto em Ré menor ao Quarteto n.º 3), vão muito mais do que duas décadas – vai uma era. E o que estes passos de gigante parecem demonstrar é que, em nenhum momento, a profunda ligação que o compositor tinha com a tradição tonal germânica parece ter abalado a sua certeza de que aquele era um mundo em extinção, ou a sua urgência e determinação em procurar nas suas cinzas as sementes do que lhe poderia suceder.”

Segundo Vasco Mendonça, Arnold Schönberg mostrou-nos não só uma nova forma de ouvir, como também nos propôs uma nova forma de pensar. “Ao estabelecer os fundamentos da técnica serial, foi como se tivesse inventado uma máquina nova, uma espécie de sonda capaz de perfurar até



camadas mais profundas da nossa sensibilidade e da nossa psique, até então inacessíveis. E foi com essa sonda – ou versões adaptadas dela – que Berg nos deu *Lulu*, e Dallapiccola *Cinque Frammenti de Saffo*, e Stravinsky *Requiem Canticles*, e Boulez *Sur Incises*, e Birtwistle *Secret Theatre*, e Donatoni *Spiri*; e a lista podia continuar, tão vasta quanto heterogênea. Porque independentemente da estética e do estilo, de se abraçar ou rejeitar, o que Schönberg fez tornou-se, para quem escreve e pensa a música, impossível de ignorar, como um segredo que uma vez ouvido, altera irremediavelmente a forma como vemos – e ouvimos – o mundo.”

A pequena maratona será empreendida pelo Quarteto Diotima, formação criada em França, que se apresenta regularmente nos principais palcos de concerto e festivais de música europeus.

Para além dos quatro quartetos compostos por Schönberg, o Quarteto Diotima intrpretará também obras de Ludwig van Beethoven e Pierre Boulez.

As conferências e documentários estão programados para o Auditório 3 e a entrada é livre. ■

www.musica.gulbenkian.pt

PROGRAMA

Sábado, 8 março

- 16h | **Arnold Schönberg**
Quarteto para Cordas n.º 1, em Ré menor, op. 7
Ludwig van Beethoven
Quarteto para Cordas n.º 12, em Mi bemol maior, op.127
Pierre Boulez
Livre pour quatuor, partes 1a e 1b
- 18h | Encontro com Nuria Schönberg Nono
Exibição de documentários
- 21h | **Arnold Schönberg**
Quarteto para Cordas n.º 2, em Fá sustenido menor, op. 10
com Ana Paula Russo, soprano
Ludwig van Beethoven
Quarteto para Cordas n.º 13, em Si bemol maior, op.130-133
Pierre Boulez
Livre pour quatuor, partes 3a, 3b, 3c e 5

Domingo, 9 março

- 16h | **Arnold Schönberg**
Quarteto para Cordas n.º 3, op. 30
Ludwig van Beethoven
Quarteto para Cordas n.º 14, em Dó sustenido menor, op. 131
Pierre Boulez
Livre pour quatuor, parte 2
- 18h | Encontro com Nuria Schönberg Nono
Exibição de documentários
- 21h | **Arnold Schönberg**
Quarteto para Cordas n.º 4, op. 37
Ludwig van Beethoven
Quarteto para Cordas n.º 15, em Lá menor, op. 132
Pierre Boulez
Livre pour quatuor, parte 6



Novos Poderes

Uma história de protesto popular

A história dos protestos populares em Portugal na época contemporânea é o tema do próximo debate do ciclo Novos Poderes, no **dia 29 de março**. Nesta sessão serão revistos vários episódios políticos em Portugal e no Império Português, do século XIX ao 25 de Abril, através do olhar dos historiadores **Diego Palacios Cerezales** e **José Neves**, e ainda **Fátima Sá e Melo Ferreira**, a quem caberá um comentário final. “Na época contemporânea, da resistência às Invasões Francesas até aos anos do PREC, Portugal foi atravessado por vários episódios de revolta e contestação popular. A história deste protesto é muitas vezes remetida a um estatuto secundário, sendo dada primazia ao estudo dos conflitos entre os atores institucionais”, afirmam os organizadores do debate, que prometem uma análise das diferentes formas da política “a partir de baixo”, atendendo tanto a períodos de normalidade institucional como de crise de regime.

Doutorado em Ciência Política pela Universidade Complutense de Madrid, Diego Palacios Cerezales é atualmente professor na Universidade de Stirling. Os seus interesses centram-se nos movimentos sociais e no controlo policial da ordem pública em Espanha e em Portugal, durante os séculos XIX e XX. Tem dois livros publicados em português – *O poder caiu na rua. Crise de Estado e acção colectiva na revolução portuguesa, 1974-1975* (Imprensa de Ciências Sociais, 2003) e *Portugal à coronhada. Protesto popular e ordem pública nos séculos XIX e XX* (Tinta da China, 2011) –, onde se refuta liminarmente a ideia de que a população portuguesa sempre viveu “pacatamente, aceitando sem contestar as contrariedades políticas e económicas”.

Discutir experiências históricas e atuais que contribuam para a inventariação de diferentes tipos de relações de poder é o objetivo do ciclo de encontros Novos Poderes, que arrancou na Fundação Gulbenkian em fevereiro, e se prolonga até maio. O programa deste ciclo atravessa os domínios da arte e da cultura, mas também da política e da economia, convocando acontecimentos políticos, movimentos estéticos e debates teóricos.

É coorganizado pelo Programa Gulbenkian Próximo Futuro e pela associação cultural Unipop. ■

www.proximofuturo.gulbenkian.pt/observatorio

Novos Poderes

Observatório de África, América Latina e Caraíbas

29 março

UMA HISTÓRIA DE PROTESTO POPULAR E LUTA ANTICOLONIAL
Política em Portugal e no Império Português do Século XIX ao 25 de Abril

26 abril

DA TEORIA DA DEPENDÊNCIA AO DIREITO DE FUGA
A Circulação das Mercadorias e das Pessoas no Mundo

24 maio

A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO E O CUIDADO DE SI
Emancipação, Perspetivismo Ameríndio e Pós-Colonialismo

Harvard na Gulbenkian

Depois de Vanda

Harvard na Gulbenkian – Diálogos sobre o cinema português e o cinema do mundo chega ao fim da primeira parte da sua programação. Depois de Vanda é o título do programa exibido este mês, nos dias 7, 8 e 9, para uma reflexão sobre o cinema português do século XXI.

Para este capítulo do ciclo, Albert Serra, Nicolás Pereda e Tomita Katsuya são os cineastas convidados a apresentar os seus trabalhos na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna. Desta vez não haverá realizadores portugueses presentes, mas os cineastas convidados contam, de acordo com os curadores da iniciativa, com obras que refletem de alguma forma o que tem acontecido no mundo do cinema em Portugal durante este último século.

O galardoado realizador espanhol **Albert Serra** traz consigo *História de la Meva Mort* (2013). Vencedor do Leopardo de Ouro no Festival de Locarno no ano passado, *História de la Meva Mort* tem como ponto de partida um encontro entre o conde Drácula e Casanova, já de idade avançada e sem o charme de outrora, num filme que retrata uma época de transição do iluminismo para o romantismo.

Los Mejores Temas (2012), igualmente vencedor de um Leopardo de Ouro, e *Juntos* (2009) serão também exibidos na Sala Polivalente do CAM. Os filmes de **Nicolás Pereda**, mexicano residente no Canadá, refletem habitualmente as vivências da classe operária mexicana num estilo híbrido que navega entre o documentário e a ficção.

O terceiro cineasta a marcar presença no ciclo, com curadoria de Joaquim Sapinho e Haden Guest, é **Tomita Katsuya**.



Albert Serra



Nicolás Pereda, *Los Mejores Temas*

O realizador japonês vem mostrar *Acima das Nuvens* (2003) e *Saudade* (2012). Este último filme, exibido no sábado, tem a curiosidade de ter como título original *Saudâdji*, uma história que envolve a relação entre japoneses e imigrantes brasileiros na cidade de Kofu.

O ciclo **Harvard na Gulbenkian** teve início em novembro do ano passado. Depois do sucesso de seis programas de projeções e debates sobre o cinema português e o cinema do mundo, por onde passaram filmes de cineastas como António Reis, Belá Tarr, Paulo Rocha, Patricio Guzmán, Manuela Viegas e Manuel Mozos, entre outros, fica aberta a porta para outros tantos, já a partir do próximo mês. ■

Depois de Vanda

Convidados: Albert Serra, Nicolás Pereda, Tomita Katsuya

sexta-feira 7 Março

18h15: *História de la Meva Mort* (148'), de Albert Serra

sábado 8 Março

15h: *Los Mejores Temas* (103'), de Nicolás Pereda

18h15: *Saudade* (167'), Tomita Katsuya

Domingo 9 Março

15h: *Acima das Nuvens* (114'), Tomita Katsuya

17h30: *Juntos* (73'), de Nicolás Pereda



Os textos “não geográficos” de Orlando Ribeiro

O livro *Universidade, Ciência, Cidadania* reúne vários textos de Orlando Ribeiro (1911-1997), personalidade de enorme importância nos estudos da Geografia em Portugal, com um reconhecimento que vai além das fronteiras do nosso país. Neste livro, Suzanne Daveau organiza e apresenta escritos “não geográficos” de Orlando Ribeiro, em que o autor expressa pensamentos sobre matérias como a organização do ensino e da investigação científica em Portugal. Este registo mostra-nos Orlando Ribeiro como um homem cujas preocupações e reflexões não se cingem apenas à Geografia, mas também se aplicam à sociedade, à educação e à ciência.

Os temas, organizados de forma cronológica, estão divididos em três capítulos correspondentes a diferentes fases da vida do geógrafo. A primeira parte é dedicada aos anos de formação de Orlando Ribeiro e expande-se desde o final dos anos 20 do século passado, altura em que termina os estudos no liceu, até 1949, ano em que organizou o Congresso Internacional de Geografia. Na segunda parte, intitulada “Os anos de maturidade”, estão compilados textos escritos numa fase da vida em que Orlando Ribeiro ensinou, viajou, estudou e escreveu – tudo entre os anos 50 e 1974. No último capítulo é dado espaço às suas últimas reflexões ainda no quadro universitário ou já aposentado. Aqui, em “Os últimos anos de atividade”, são cobertos dez anos de pensamento sobre problemas “fundamentais, de interesse para os países culturalmente portugueses ou aportuguesados”.

É assim que Suzanne Daveau, que foi casada com Orlando Ribeiro, organiza alguns destes escritos num livro que pretende ser “uma contribuição sólida para a compreensão do ambiente social português dos meados do século XX”, com o desejo de que este “forneça aos futuros historiadores um cómodo e seguro instrumento de trabalho”, e a quem esteja interessado na evolução da sociedade portuguesa “um claro testemunho sobre os esforços que um português, apaixonado pelo próprio país, desenvolveu tenazmente para tentar melhorar o seu nível geral de educação”. ■

Outras Edições

OS MEDIA NA SOCIEDADE EM REDE

Gustavo Cardoso

PUNIR E HUMANIZAR

O Direito Penal setecentista

Sílvia Alves

A EPISTOLOGRAFIA EM PORTUGAL

Andrée Rocha

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

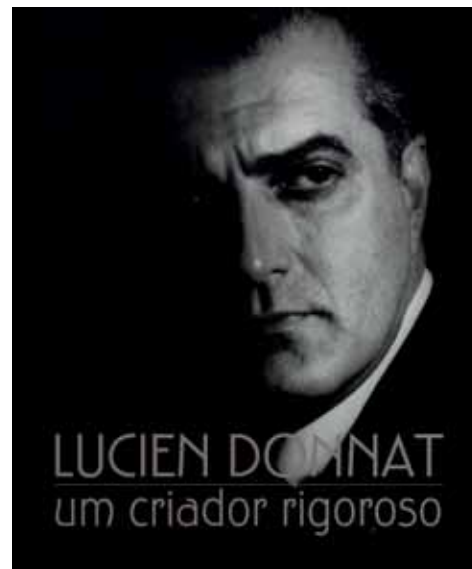
O nome de Lucien Donnat (1920-2013) era, até agora, pouco conhecido fora dos meios do teatro e da decoração, as duas áreas em que desenvolveu a sua atividade profissional e criativa. A exposição que o Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII) e o Museu Nacional do Teatro (MNT) coorganizaram e apresentam, respetivamente, até 25 e 30 de junho, vem dar a conhecer ao grande público a vida e a obra de Lucien Donnat.

Nascido nos arredores de Paris, Donnat viveu a maior parte da sua vida em Lisboa, para onde os seus pais se mudaram em 1927, e foi aqui que a partir da década de 1940 se notabilizou como cenógrafo, figurinista, compositor, decorador e *designer*. A exposição tem dois núcleos, cada um com um curador – Victor Pavão dos Santos para o teatro e Rui Afonso Santos para a decoração –, sendo o núcleo do MNT (que guarda o seu espólio) o mais detalhado, organizado cronologicamente (1941-1974) e privilegiando a atividade de Donnat enquanto cenógrafo e figurinista quase exclusivo da Companhia Rey Colaço Robles Monteiro. O núcleo do TNDMII aborda a participação de Lucien Donnat na peça *Antígona*, levada à cena em 1946, para a qual concebeu os cenários e os figurinos, e mostra igualmente o seu trabalho como decorador de espaços públicos, em edifícios como o Palácio Estoril Hotel, o Hotel Avenida Palace e o grande salão do Hotel Ritz.

Esta exposição é complementada por uma cuidada monografia-catálogo com o mesmo título, coeditada pelo TNDMII e pela INCM. Profusamente ilustrada com fotografias (algumas da autoria de Horácio Novais) e com desenhos – quer da produção de Lucien Donnat para teatro, quer dos seus projetos decorativos –, a monografia tem textos dos dois curadores, um ensaio biográfico e ainda um texto de contextualização histórica de Portugal nos anos de 1940. ■

Os espaços expositivos da Cité de l'Architecture et du Patrimoine (Paris) foram, entre 16 de outubro de 2013 e 3 de março, uma espécie de máquina no tempo, permitindo aos visitantes que por lá passaram viajarem até ao ano de “1925, quando a Arte Déco seduziu o mundo”. Foi este o nome escolhido para uma revisitação retrospectiva, não só da grande Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industries Modernes que entre abril e outubro daquele ano ocupou a esplanada dos Invalides, como também da corrente estética a que ela acabou por dar o nome, a Arte Déco.

Aos que não tiveram a possibilidade de viajar no tempo visitando esta exposição, resta fazer a viagem através da consulta do catálogo que a acompanhou e que leva o mesmo nome *1925, quando l'Art Déco séduit le monde*. Os dois curadores da exposição – Emmanuel Bréon e Philippe Rivoirard – são também os coordenadores do extenso livro-catálogo que, para além dos seus textos, tem ainda a participação de outros 28 autores (arquitetos, historiadores de arte, conservadores, colecionadores e escritores) que assinam os diversos textos dos quatro grandes temas abordados: “Uma época inventiva e trepidante”; “A exposição de 1925 e a sua influência”; “A Arte Déco em França”; e “A Arte Déco francesa no mundo”. As biografias dos criadores que marcaram a Arte Déco, uma bibliografia bastante exaustiva e numerosas ilustrações completam este catálogo. ■



Centro de Arte Moderna

Würzburg Bolton Landing I

Rui Chafes

Esta escultura suspensa, cuja parte superior remete para os ombros e pescoço de um corpo humano, foi trabalhada por Rui Chafes no seu material de eleição, e que constitui uma das suas marcas autorais, a rede de ferro.

Esta rede, nomeadamente aqui nesta espécie de saco-corpo, permite a evocação da pele como se fosse um invólucro que enclausura, mas que ao mesmo tempo deixa na sua transparência trespassar-se pela luz. Esta interpenetração é reforçada por uma série de binómios – peso e leveza, alto e baixo, duro e mole, interior e exterior, cheio e vazio – que reforçam a matriz da obra: tornar um material tão pesado e bruto como o ferro em algo de orgânico e frágil que, inclusivamente na sua forma, pode remeter para a sexualidade como algo que simultaneamente liberta e condiciona.

Chafes pinta sempre o ferro, para o anular como matéria, ou dito pelas suas palavras: “O que procuro no meu trabalho são formas que funcionem como caracteres de escrita. O ferro é sempre tornado negro ou cinzento para que se esconda como material.”* O ferro que se trabalha com o fogo, o fogo que arde, que queima, que crema e que remete para um imaginário que cruza a figura do alquimista com a do ferreiro, tal como esta escultura de algum modo cruza o gótico com o contemporâneo.

A referida analogia com a escrita é tanto mais importante quanto o artista também escreve e traduz (nomeadamente os *Fragmentos de Novalis*) e tem vários livros publicados em que as referências ao romantismo alemão e à estética do sublime são assumidas como ideário.

Aliás, o título desta escultura, que é também o título de um dos seus livros, uma antologia de textos que são funda-

mentais para o artista, é disso paradigmático: Würzburg é a cidade onde viveu e trabalhou Tilman Riemenschneider, um artista alemão da Idade Média que chegou a ser burgo-mestre e o favorito de Chafes; Bolton Landing é o nome de um terreno de grande extensão em Nova Iorque, onde o escultor americano David Smith, um expressionista abstrato, construiu o seu ateliê. Estamos assim perante uma topografia pessoal, um título que identifica a geografia artística de Chafes e que é mais uma chave para a leitura desta escultura melancólica, porque, e de novo, as palavras são suas: “Quero criar pontos baços, foscos e ásperos, que não resvalam, e não possuam nada de entretenimento. Quero resistir a este mundo digital, colorido, transparente, escorregadio. Pretendo com isto dizer que tento estabelecer uma estratégia da lentidão contra uma estratégia da aceleração, uma estratégia do peso contra uma estratégia de leveza.”** Esta peça está incluída na exposição antológica de Rui Chafes, *O Peso do Paraíso*, que o CAM apresenta até 18 de maio. ■ Isabel Carlos

* Entrevista a Rui Chafes de Doris von Drathen, in *Rui Chafes: Um Sopro*, Porto, Galeria Graça Brandão, 2003.

** Idem.

Rui Chafes

Würzburg Bolton Landing I, 1994

Ferro pintado, 230 x 12 x 33 cm

Inv. 95E355; Col. CAM – Fundação Calouste Gulbenkian





Músicos da Orquestra Gulbenkian nos encontros do foyer



Vem cantar Gershwin com o Coro Gulbenkian/ Marta Hugon



Patyça Gabriel e Marta Hugon

Atuação da Orquestra XXI



fotografias de Márcia Lessa



Vem cantar Gershwin com o Coro Gulbenkian

Electra – filme/opera



15 fevereiro Festa de reabertura

O Grande Auditório passa a dispor de um equipamento de captação e de transmissão audiovisual que vai permitir acompanhar outros espaços o que aqui se passa. Este equipamento e o projeto que a fundação está a desenvolver na área digital vão permitir a transmissão em tempo real pela internet, fazendo do Grande Auditório uma janela aberta para o mundo. ■

UMA JANELA ABERTA PARA O MUNDO



À imagem da ideia central de todo o projeto de renovação, a Sala de Ensaios do Coro compreende duas componentes distintas: uma de restauro – as madeiras e tudo o que é maduramente – e outra de renovação – mantendo-se, naturalmente, tudo o que já era de excelente qualidade. Houve intervenção a nível do ar condicionado e da iluminação, que é “tecnologia de ponta”, e ainda sobre um conjunto de funcionalidades audiovisuais.

SALA DE ENSAIOS DO CORO



Foi criado um novo foyer com bar, por cima do bar já existente, onde antes se encontrava a antiga sala de ensaios da Orquestra. O espaço de circulação e de cafeteria para o público fica assim ampliado, aumentando as possibilidades de acolhimento de eventos.

NOVO FOYER



No projeto original, a Sala da Orquestra estava prevista para este espaço, que acabou por ser transformado em estúdios para o Ballet Gulbenkian. O espaço foi agora completamente remodelado e apresenta condições acústicas totalmente comparáveis às do Grande Auditório, para efeitos de ensaios. A Sala de Ensaios da Orquestra também estará acessível ao público, através dos serviços educativos, para mostrar o trabalho da Orquestra.

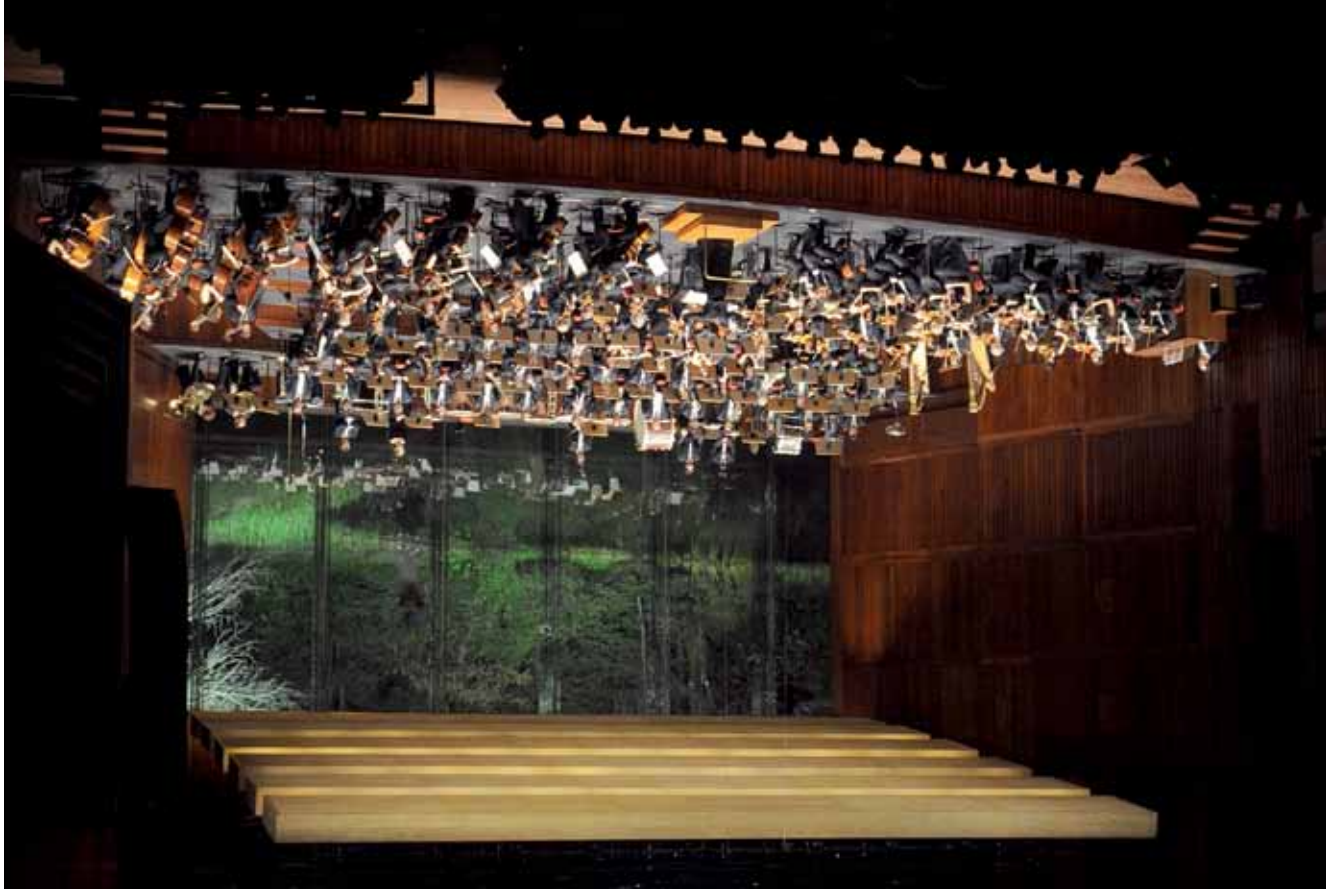
SALA DE ENSAIOS DA ORQUESTRA



Grande Auditório

As mudanças

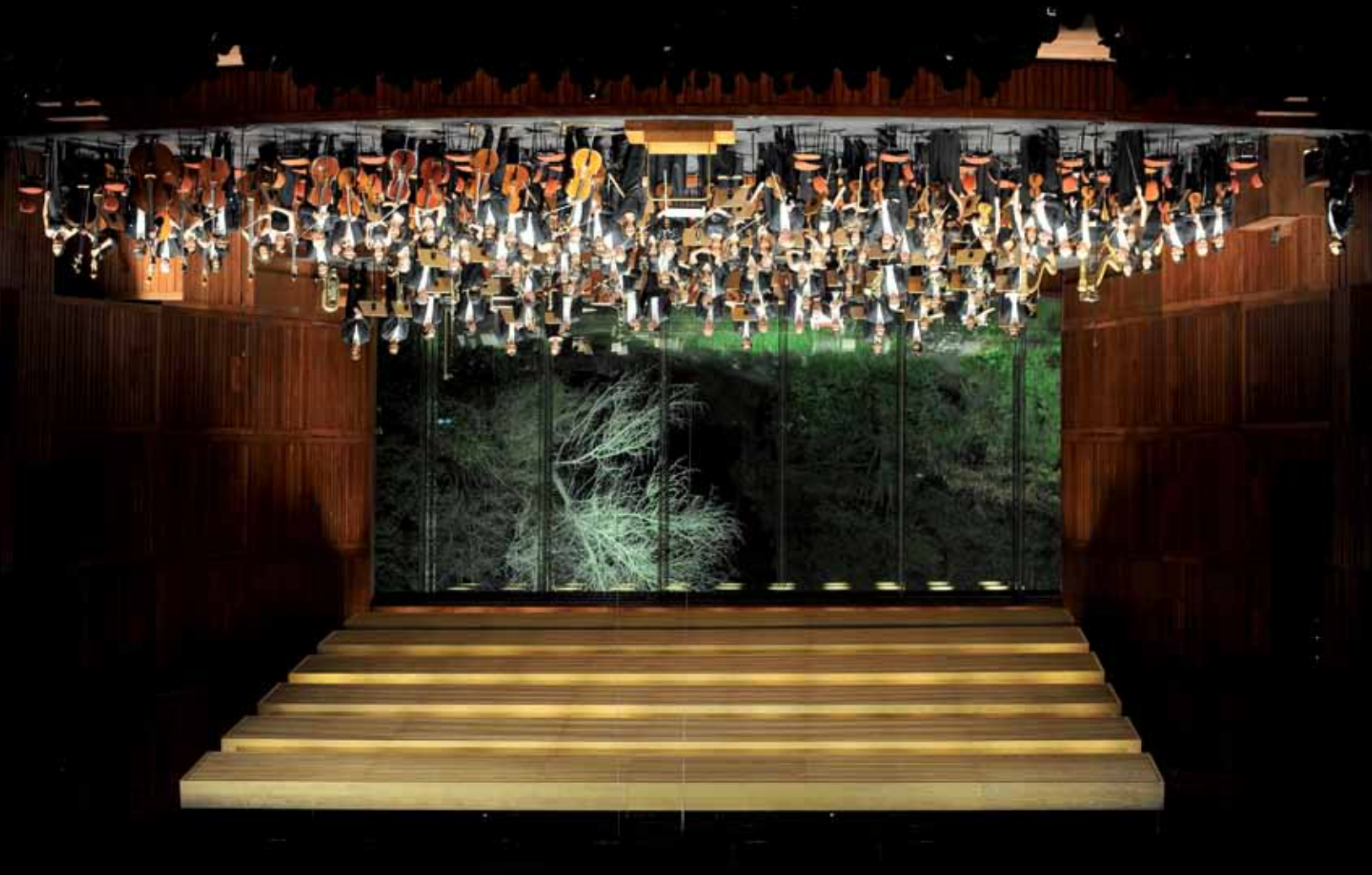
Rabriu ao público no dia 15 de fevereiro o Grande Auditório Gulbenkian, após oito meses de obras de renovação. Com as obras que envolveram esta sala e os espaços adjacentes, e que representaram um investimento na ordem dos 19 milhões de euros, ganhou-se operacionalidade e versatilidade. O auditório deixa de estar vocacionado apenas para a programação de música e passará também a ser utilizado para a projeção de cinema e outros espetáculos performativos, bem como para grandes conferências, quer nas de atividades promovidas pela Fundação, quer nas promovidas por terceiros desde que inseridas nas linhas programáticas da Fundação. *fotografias de Mária Lessa*



CANÓPIA E ELEVADORES DE PALCO

A “Canópia” (ou canópio), uma palavra que não existe no dicionário português, designa comumente uma estrutura acústica e é resultado de uma apropriação técnica da palavra “canopy”, em inglês. A antiga canópia do Grande Auditório, constituída por um monobloco de 15 toneladas, sobre o palco, foi substituída por uma estrutura bastante mais leve, com cerca de quatro toneladas. Esta seccionada em 21 varas monitorizadas, três das quais amovíveis, para suspensão de equipamento de iluminação, áudio e de cenário, ampliando substancialmente as potencialidades do Auditório. A geometria de palco mantém-se, respeitando o projeto original dos arquitetos Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d’Athouguia, mas o sistema de mecanismos de elevação foi completamente alterado: os elevadores de palco são agora sete, mais um para o fosso de orquestra e para a extensão que já existia, cuja elevação se fazia manualmente. O Grande Auditório tem a particularidade de ter uma teia invertida, o que é raro, apresentando um fosso com 17 metros de profundidade, muito complexo.

A reabertura do Grande Auditório



NEWSLETTER

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



NÚMERO 152
MARÇO 2014